

# KHADIJA RYADI: «A INSURREIÇÃO POPULAR ACONTECERÁ EM MARROCOS»

**Entrevista com Khadija Ryadi, a primeira mulher a ocupar a presidência da Associação Marroquina de Direitos Humanos (AMDH), sobre a situação dos movimentos sociais em Marrocos. Entrevista concedida a Jérôme Duval e publicada em 11 de Junho. Criada em 1979, esta associação comemora este ano o seu 40º aniversário e é uma das duas ONG de direitos humanos mais antigas do reino. Khadija Ryadi ganhou o Prémio das Nações Unidas para os Direitos Humanos em 2013.**

**Jérôme Duval: Pode apresentar-nos a AMDH?**

Khadija Ryadi: A AMDH trabalha sobre diferentes aspectos económicos, sociais, culturais, ambientais ou civis e políticos, bem como sobre os direitos das mulheres, dos migrantes, das crianças ou dos deficientes. A AMDH, que tem cerca de 12.000 membros, possui três secções na Europa e está implantada em todo o Marrocos com 92 secções locais. É membro da Federação Internacional de Ligas dos Direitos Humanos, da Rede Euro-Mediterrânea de Direitos Humanos, da Organização Árabe dos Direitos Humanos e da Coordenação do Magrebe das organizações de direitos humanos, das quais actualmente sou coordenadora em nome da AMDH. Caracteriza-se pelo seu sistema único de referência universal dos direitos humanos.



Fig. 1: Khadija Ryadi

**De passagem por Bruxelas falou sobre a questão dos presos políticos. Do que se trata?**

Actualmente em Marrocos existem, de facto, centenas de presos políticos. Geralmente são pessoas que reivindicam direitos elementares e fundamentais como a educação e a saúde pública, a água potável, o fim da corrupção, etc.. Esses direitos básicos deveriam, evidentemente, ser garantidos pelo Estado, dado o compromisso oficial de Marrocos no campo dos direitos humanos.

No Rif, no norte de Marrocos, em Al Hoceima em particular, foi desencadeado um movimento pela morte de um peixeiro, Mohcine Fikri. Ele quis recuperar os seus bens confiscados e lançados pelas autoridades num carro do lixo e nessa tentativa morreu trucidado, em 28 de Outubro de 2016. Milhares de pessoas saíram de imediato para a rua até Maio de 2017, quando a repressão impossibilitou a continuação do movimento. A brutalidade, o número excessivo de prisões, a tortura e os julgamentos políticos travaram esse entusiasmo popular. Centenas de pessoas foram presas e cerca de 50 delas, entre as quais os dirigentes conhecidos desse movimento, foram transferidas para 700 km do seu local de residência para serem julgadas em Casablanca, o que aumentou o sofrimento das famílias que tinham de fazer longas viagens durante a semana para assistir ao julgamento e visitar os parentes na cadeia.

As sentenças chegaram aos 20 anos de prisão. Além do Rif, outras cidades de Marrocos conheceram protestos populares e foram confrontadas com a repressão, as prisões e os julgamentos políticos.

### **Quantas pessoas do *Hirak* ainda estão hoje presas?**

O AMDH contou mais de mil pessoas que foram presas por causa dos protestos sociais durante o *Hirak* vivido em Marrocos em 2017-2018. Esperamos pelo novo relatório do AMDH<sup>1</sup> para termos a situação actualizada, porque várias pessoas saíram do país, outras, cerca de uma centena, foram indultadas o ano passado, e outras cem este ano. Mas, de acordo com a minha própria estimativa, haverá ainda entre 300 a 400 pessoas na prisão. As prisões e os julgamentos injustos continuam.

### **Quais as razões que levam, em geral, à prisão dessas pessoas?**

As verdadeiras razões, todos as conhecem. É uma maneira de punir as pessoas que tiveram a coragem de protestar contra uma situação social alarmante e degradada, mas as acusações que enfrentam no tribunal não têm nada a ver com a realidade. São acusadas de violência, suspeitas de adesão a causas separatistas, de receberem dinheiro do exterior de fontes duvidosas, de tratarem brutalmente os polícias ou participarem na destruição de bens públicos. Em Marrocos, os tribunais são instrumentos do Estado. Os juízes pronunciam sentenças sem qualquer prova. Todos os observadores presentes o confirmaram e todas as ONG marroquinas de direitos humanos, sem excepção, mesmo as mais moderadas e conciliadoras, bem como personalidades longe de serem da oposição, consideram esses presos inocentes, reivindicam a sua libertação e qualificam os julgamentos de injustos.

### **E além desse movimento, sabe-se quantas pessoas estão presas em Marrocos por razões políticas?**

Uma dúzia de activistas da União Nacional de Estudantes de Marrocos ainda está na prisão. Activistas do 20 de Fevereiro e pelo menos 35 independentistas saharauís continuam encarcerados. Jornalistas e autores de blogues também são vítimas de julgamentos injustos e presos pelos seus artigos ou investigações; cidadãos e cidadãs são lançados na prisão por defenderem as suas terras contra as empresas multinacionais ou contra personalidades apoiadas pelas autoridades. Um grande número de islamitas também foi julgado na luta contra o terrorismo sem haver nenhuma prova do seu envolvimento em actos ou redes terroristas. Reivindicamos sempre a sua libertação pois são pessoas presas pelas suas crenças religiosas ou ideológicas.

### **Na sua intervenção falou de "ditadura" a propósito de Marrocos. No entanto, parece que na Europa se utilizava mais essa designação no tempo de Hassan II do que hoje. O que nos pode dizer sobre os Estados ocidentais que exaltam frequentemente uma fachada democrática de Marrocos?**

Marrocos soube cuidar da sua imagem. Desde a chegada ao poder do actual rei Mohammed VI, a Comissão de Equidade e Reconciliação, encarregada de esclarecer as graves violações dos direitos humanos que ocorreram entre 1956 e 1999, indemnizou as antigas vítimas de tortura ou de desaparecimento forçado, esclareceu alguns casos de desaparecidos políticos, mas não fez avançar Marrocos para uma verdadeira democracia. Em 2011, sob a pressão do movimento de 20 de Fevereiro que organizou protestos em todo o país, foi adoptada uma nova Constituição contendo um certo número de garantias do Estado de respeito pelas liberdades. No entanto, sem verdadeira independência da justiça, esta Constituição permanece não democrática. Assim, os limites à liberdade de expressão persistem e os tabus, como a monarquia, a religião islâmica ou a questão do conflito no Sahara Ocidental, fazem parte deles. O nível de tolerância até diminuiu, agora há pessoas na prisão por causa de um comentário no

---

<sup>1</sup> Nos seus relatórios anuais, a AMDH publica, no capítulo dedicado à detenção política, a lista nominal das pessoas de cuja prisão por razões políticas têm provas.

*Facebook*. Das centenas de presos do *Hirak*, muitos nem saíram às ruas para protestar, prenderam-nos só porque expressaram a sua raiva.

Há alguns dias atrás, Abdollah Chabni foi condenado a três anos de prisão por dizer no *Facebook* que a marcha de apoio aos presos do *Hirak*, realizada em 21 de Abril, deveria transformar-se em desobediência civil. Como se pode qualificar um Estado, que prende as pessoas por comentar, senão como uma ditadura? Não é porque não há desaparecimentos forçados como antes e lugares tristemente conhecidos por tais práticas como Tazmamart<sup>2</sup>, que não vamos falar de ditadura. Deixou de haver uma imprensa independente, deixou de haver jornalistas de investigação capazes de criticar porque a dissidência é sistematicamente reprimida.

**Pensamos nesse jovem argelino, Hadj Gharmoul, preso simplesmente porque uma foto que o mostrava com um cartaz com o slogan "não ao quinto mandato" de Abdelaziz Bouteflika circulou no *Facebook* ...**

De facto, é a mesma coisa em Marrocos, onde basta sair à rua para denunciar o poder para ser preso. A maioria dos presos políticos actualmente detidos nem sequer denunciou o chefe de Estado, limitou-se a criticar a situação de pobreza e a negação dos direitos fundamentais das populações das suas regiões. Pessoas em Zagora, no sul de Marrocos, foram detidas e condenadas à prisão pelo simples facto de protestar porque não há água potável na cidade.

**As informações sobre a sublevação actual na Argélia estão a ser seguidas pela população marroquina?**

Sim, as informações chegam e os activistas e as organizações seguem atentamente o que se está a passar na Argélia e no Sudão. As relações entre a Argélia e Marrocos são tensas, devido, entre outras coisas, ao conflito no Sahara Ocidental e a televisão oficial marroquina mostra os protestos que decorrem na Argélia para criticar o poder argelino qualificando-o de autoritário e até ditatorial. Mas nunca veremos na televisão as manifestações marroquinas, nem os julgamentos que sofrem os activistas, excepto quando se trata de comunicados oficiais que são geralmente qualificados pelo movimento de direitos humanos como comunicados difamatórias, violando a presunção de inocência.

**Houve manifestações de solidariedade com a insurreição na Argélia? Será que esta pode influenciar a mobilização em Marrocos?**

Certamente. Como coordenadora magrebina, publicámos declarações de solidariedade, especialmente desde que o vice-presidente da Liga para a Defesa dos Direitos Humanos da Argélia, um membro de nossa coordenadora, Said Salhi, foi preso durante todo um dia no início dos protestos na Argélia. Estas insurreições vão certamente incentivar outros movimentos em Marrocos, mas é necessário dizer que são principalmente factores internos que mobilizam as pessoas.

A insurreição popular acontecerá em Marrocos porque todos os motivos que levaram a população às ruas em 2011 continuam presentes, e até aumentaram com a pobreza e a degradação dos serviços públicos. A falta de iniciativa capaz de reunir e federar todas estas lutas atrasa essa explosão.

Os médicos manifestaram-se há alguns dias atrás para denunciar a falta de recursos, não há nada nos hospitais, é a falência total do sistema de saúde público. O mesmo se passa com os professores que entraram em greve durante semanas, a luta mais divulgada e mobilizadora dos últimos meses, devido à falência do sistema público.

As pessoas em extrema necessidade não esperarão indefinidamente, até porque já não são os partidos e os sindicatos que as mobilizam, as massas populares saem espontaneamente à rua quando já não

<sup>2</sup> Tazmamart era uma prisão secreta para presos políticos. Símbolo da opressão sob o reinado do rei Hassan II, foi finalmente encerrada em 1991, sob pressão de grupos internacionais de direitos humanos.

aguentam mais.

### **O movimento do *Hirak* desapareceu?**

No norte, sim, porque basta sair à rua para arriscar anos de prisão. Além disso, muitos jovens foram para Espanha. Actualmente, as lutas são sectoriais e, portanto, dispersas. Depois da repressão em Al Hoceima, a rebelião passou para o nordeste de Jerada, onde as minas de carvão estão oficialmente encerradas desde 1998-2000, mas onde a população ainda vive do minério e desce às minas de maneira não convencional, sem nenhuma segurança. Muitos perdem lá a vida. Em reacção à morte de dois irmãos, Houcine e Jedouane, em 22 de Dezembro de 2017 numa mina, as pessoas saíram à rua e isso criou outro *Hirak*. Outras pessoas foram presas e um jovem, atropelado por um carro da polícia, perdeu as pernas. Actualmente é um deficiente completamente negligenciado pelas autoridades, que não fizeram qualquer investigação para esclarecer as circunstâncias e responsabilidades deste crime. Mas a repressão não impede outros *Hirak* de explodir noutros locais.

Em Imiter, uma pequena cidade perto de Ouarzazate, encontra-se a maior mina de prata da África<sup>3</sup>. A sua exploração provoca muitos problemas ecológicos, as terras ficam inquinadas e os impactos são enormes para a saúde dos habitantes que já não podem viver da agricultura como antes. Reactivado em 2011, o movimento social de Imiter, mesmo fraco numericamente, é muito antigo. Novas pessoas foram presas e passaram até cinco anos na prisão. Como em outros centros operários, os responsáveis da mina não contratam localmente, mas recrutam trabalhadores de outras cidades para evitar qualquer solidariedade das famílias com os mineiros.

### **Com tanto activismo não receia pela sua segurança?**

Sim, vivemos sempre sob a ameaça. Conduzem campanhas de mentiras e insultos contra mim na imprensa criada e financiada pelo poder. Estamos num país não democrático e todos corremos o risco de ser reprimidos, mas qual é a utilidade de permanecermos livres se tivermos de ficar calados e não denunciarmos as injustiças?

### **Como vê o futuro próximo em Marrocos?**

Tenho a certeza de que outro *Hirak* vai ocorrer em Marrocos. Tudo o que esperamos é que seja tão pacífico e organizado como em 2011, que alcance mais do que o movimento de 20 de Fevereiro que, no entanto, fez avançar as mentalidades dos marroquinos, pois desde 2011 as pessoas já não se calam, já não têm medo e falam dos problemas políticos reais. Espera-se que as organizações políticas e sindicais superem as suas diferenças, as suas contendas por razões muitas vezes fúteis e ajam finalmente de acordo com as suas responsabilidades.

### **Como está hoje a solidariedade internacional pelo respeito dos direitos humanos no seu apoio aos movimentos populares reprimidos em Marrocos?**

A Europa também mudou. Nos anos de chumbo (1956-1999), os direitos humanos ocuparam um lugar nas políticas dos Estados. Havia uma esquerda bastante forte, o movimento de solidariedade das organizações de direitos humanos em França e na Europa, os Comitês de luta contra a repressão em Marrocos... Tudo isso mudou. Os governos europeus estão mais focados nas prioridades financeiras, securitárias, com as questões do terrorismo, das migrações... O discurso da extrema-direita generaliza-se. A esquerda ficou muito fraca, a solidariedade com as lutas marroquinas está menos presente e os governos europeus são cada vez mais cúmplices com o poder em Marrocos. Fecham os olhos a tudo o que acontece para que isso não perturbe os seus interesses económicos e financeiros.

---

<sup>3</sup> As minas em Marrocos são exploradas pela empresa MANAGEM, que faz parte de uma *holding* da família real.

Entrevista publicada no blog *Un monde sans dette* do jornal *Politis*.